

UNIVERSIDADE ESTADUAL DO MARANHÃO
CENTRO DE CIÊNCIAS TECNOLÓGICAS
DEPARTAMENTO DE ARQUITETURA E URBANISMO
CURSO DE ARQUITETURA E URBANISMO

NATHÁLIA DE SOUZA BRITO

UM RESGATE HISTÓRICO DAS PRIMEIRAS FÁBRICAS DE SÃO LUÍS:
o caso das fábricas do Rio Anil e Santa Amélia

São Luís
2010

NATHÁLIA DE SOUZA BRITO

UM RESGATE HISTÓRICO DAS PRIMEIRAS FÁBRICAS DE SÃO LUÍS:
o caso das fábricas do Rio Anil e Santa Amélia

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado ao Curso de Arquitetura e
Urbanismo da Universidade Estadual do
Maranhão para obtenção do título de
arquiteto e urbanista.

Orientadora: Prof^a. M.sc. Thaís Trovão
dos Santos Zenkner

São Luís
2010

Brito, Nathália de Souza.

Um resgate histórico das primeiras fábricas de São Luís: o caso das fábricas Rio Anil e Santa Amélia / Nathália de Souza Brito. – São Luís, 2010.

45 f

Monografia (Graduação) – Curso de Arquitetura e Urbanismo, Universidade Estadual do Maranhão, 2010.

Orientador: Profª. Msc. Thaís Trovão dos Santos Zenkner

1. Fábricas têxteis. 2. Fábricas têxteis maranhenses. 3. Companhia de fiação e tecidos Rio Anil. 4. Fábrica Santa Amélia. I. Título

CDU: 725.1:62(812.1)(091)

NATHÁLIA DE SOUZA BRITO

UM RESGATE HISTÓRICO DAS PRIMEIRAS FÁBRICAS DE SÃO LUÍS:
o caso das fábricas do Rio Anil e Santa Amélia

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado ao Curso de Arquitetura e
Urbanismo da Universidade Estadual do
Maranhão para obtenção do título de
arquiteto e urbanismo.

Aprovada em: ____ / ____ / ____

BANCA EXAMINADORA

Prof^ª. M.sc. Thaís Trovão dos Santos Zenkner (Orientadora)
Mestra em Desenvolvimento Urbano
Universidade Estadual do Maranhão

Prof^ª. M.sc. Célia Regina Mesquita Santos
Universidade Estadual do Maranhão

Arq. Maria Laís da Cunha Pereira

A Deus.

A minha família.

AGRADECIMENTOS

A Deus pelas oportunidades e pelos privilégios que me foram dados na vida.

À minha família pela paciência, confiança, tolerância e incentivo.

A minha orientadora, Prof^a. Msc. Thais Trovão dos Santos Zenkner, pelo incentivo, simpatia, presteza e auxílio ao longo desta Monografia de Conclusão de Curso.

À professora Célia Mesquita, pela ajuda para apresentação deste trabalho final.

RESUMO

O presente trabalho pretende resgatar a história das primeiras fábricas da cidade de São Luís ao final do século XIX, dando maior enfoque às fábricas têxteis, e aprofundando-se no estudo das fábricas: Companhia de Fiação e Tecidos Rio Anil e Fábrica Santa Amélia, evidenciando sua implantação para o desenvolvimento de São Luís. Para isso foi necessário compreender os principais fatos ocorridos no mundo, no Brasil e no Maranhão no final do século XIX. A Revolução Industrial colocou a Europa no centro de um comércio global, aumentou a produção industrial, provocando mudanças econômicas e sociais, no Brasil a industrialização se intensificou devido a abolição do trabalho escravo, e a chegada de uma nova economia com o mercado interno, e no Maranhão foi através da industrialização que a elite capitalista emergente conseguiu meios de sustentar o Estado economicamente. O parque industrial têxtil gerou e manteve equilibrada a economia do Estado por algum tempo. As fábricas foram construções importantes para São Luís do século XIX, e algumas ainda são marcos na cidade de hoje, estejam elas restauradas ou ainda em ruínas.

Palavras-chave: Fábricas Têxteis Maranhenses. Expansão Urbana. Século XIX. São Luís.

ABSTRACT

The present work aims to recount the history of the first factories in the city of St. Louis at the end of the nineteenth century, giving more focus to the textile factories, and deepening the study of plants: Spinning and Textiles Company and Rio Anil Factory Santa Amelia, showing their deployment to the development of St. Louis for this was necessary to understand the main events in the world, and Maranhao in Brazil in the late nineteenth century. The Industrial Revolution has put Europe at the center of a global trade, increased industrial production, causing social and economic changes, industrialization in Brazil has intensified due to the abolition of slavery and the arrival of a new economy with the domestic market, and Maranhao was through industrialization that the emerging capitalist elite got the means to support the state economy. The industrial textiles generated and maintained balanced the state's economy for some time. The mills were important buildings for St. Louis-nineteenth century, and some are still landmarks in the city today, they are still in ruins or restored.

Keywords: Textile factories Maranhenses. Urban Sprawl. Nineteenth century. St. Louis.

LISTA DE FIGURAS

Figura 01 – Inglaterra no início da Revolução Industrial.....	12
Figura 02 – Esquema de trabalhos de Haussmann em Paris.....	14
Figura 03 – Planta de Paris em 1853.....	16
Figura 04 – Esquema dos percements realizados por Haussman.....	16
Figura 05 – Mapa com nove fábricas têxteis.....	28
Figura 06 – Planta de São Luís do Maranhão, 1912.....	30

LISTA DE FOTOS

Foto 01 – Greve geral de São Paulo, 1912.....	18
Foto 02 – Fábrica no século XIX com mão de obra feminina.....	18
Foto 03 – Fachada do Rio Anil.....	32
Foto 04 – Sala de seção de teares da antiga Fábrica Rio Anil.....	35
Foto 05 – Gomadores da antiga Fábrica Rio Anil.....	35
Foto 06 – Casas do entorno da antiga Fábrica Rio Anil em 2010.....	35
Foto 07 – Quarto de taipa no entorno da Fábrica Rio Anil em 2010.....	35
Foto 08 – Fachada do edifício da Fábrica Santa Amélia, 1928.....	38
Foto 09 – Salões de tecelagem da Fábrica Santa Amélia.....	39
Foto 10 – Salões de tecelagem da Fábrica Santa Amélia.....	39

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO.....	10
2	FINAL DO SÉCULO XIX.....	12
2.1	No mundo.....	12
2.2	Paris do século XIX.....	15
2.3	No Brasil.....	17
2.4	No Maranhão.....	20
3	O ALGODÃO E A INDÚSTRIA TÊXTIL.....	24
3.1	No Brasil.....	24
3.2	No Maranhão.....	24
3.3	As primeiras fábricas têxteis do Maranhão.....	25
4	A CIDADE DE SÃO LUÍS E AS FÁBRICAS.....	30
4.1	Companhia de Fiação e Tecidos do Rio Anil.....	32
4.2	Fábrica Santa Amélia.....	36
5	CONCLUSÃO.....	42
	REFERÊNCIAS.....	43

1 INTRODUÇÃO

Este trabalho tem objetivo de elaborar um documento que resgate a história das fábricas de São Luís e evidencie a sua importância para a história da cidade, aprofundando-se no estudo das Fábricas do Rio Anil e Santa Amélia, e como elas influenciaram ou não a expansão desta cidade.

O documento inicia com uma contextualização dos fatos ocorridos no mundo, no Brasil e no Maranhão entre o final do século XIX e meados do século XX para entender as mudanças sociais, econômicas, políticas e sociais que estavam ocorrendo. Destaca-se a abordagem sobre o cultivo do algodão, como principal atividade econômica durante todo o período colonial e Imperial, servindo de base para a indústria têxtil. Faz-se ainda algumas considerações sobre a industrialização no Maranhão e transformações que elas provocaram na economia do Estado. E por fim, faz-se um resgate histórico das fábricas Rio Anil e Santa Amélia.

No século XIX a Revolução Industrial colocou a Europa no centro de um comércio global, aumentou a produção industrial, provocando mudanças econômicas e sociais, seguidas também pelo Japão e países da Ásia. No Brasil, a Revolução Industrial só foi vivida por volta de 1930, apesar de ter intensificadas atividades industriais entre 1885 e 1895, com a chegada do trabalho assalariado e a criação do mercado interno, com uma nova economia.

O Maranhão, com a abolição da escravidão vivenciou uma crise econômica, e foi através da industrialização que a elite capitalista emergente conseguiu meios de sustentar o Estado economicamente. O parque industrial têxtil gerou e manteve equilibrada a economia do Estado por algum tempo.

Na Europa, neste período, surgem vários projetos de intervenção na cidade, que de alguma forma tentavam resolver os problemas surgidos na nova cidade industrial, um grande exemplo do século XIX foi o plano de Haussman para Paris. No Brasil, a concentração das indústrias ocorreu na região sudeste, principalmente em São Paulo, pois o Estado já tinha, capital, mão-de-obra, mercado consumidor e transportes que eram fatores importantes para a instalação das indústrias. No nordeste os investimentos tinham limitações, e as indústrias estavam voltadas para os setores de consumo não duráveis, como a indústria têxtil, resultando no aumento das diferenças sociais e econômicas das regiões do Brasil.

No Maranhão, dentre outras fábricas, destacamos nesse trabalho: a Companhia de Fiação e Tecidos do Rio Anil, situada na zona rural da cidade e escolhida por ter sido um

marco na história do desenvolvimento econômico e social do Estado, onde na sua proximidade se formou o bairro do Anil; e a Fábrica Santa Amélia, situada no núcleo urbano da cidade, escolhida porque com sua implantação houve o crescimento do bairro de São Pantaleão. Pretende-se estudar essas duas unidades fabris, observando sua história, suas formas arquitetônicas, suas contribuições econômicas, sociais e na transformação espacial da cidade de São Luís.

2 FINAL DO SÉCULO XIX

Este capítulo trata das grandes mudanças que aconteceram durante a transição do século XIX para o XX em todo o mundo, no Brasil e no Maranhão. As mudanças, políticas e econômicas que ocorreram na Europa no final do século XIX afetaram a sociedade em todo o mundo, modificando culturalmente e transformando as formas de agir e produzir, observadas também nas formas das cidades.

2.1 No mundo



Figura 01 - Inglaterra no início da Revolução Industrial
Fonte: A INGLATERRA..., [200-?], não paginado

No início do século XIX o mundo vivenciou uma revolução científico – tecnológica, que trouxe com ela inovadoras e práticas invenções, além de novas formas e meios de produção, destacando-se as indústrias: metalúrgicas, alimentícias e de medicamentos, ocasionando uma melhoria na vida da sociedade, e permitindo colocar nos mercados internacionais quantidades maciças de equipamento e bens de consumo.

Na segunda metade do século XIX, acontecia a “Segunda Revolução Industrial” (Figura 01) e muitas mudanças importantes estavam ocorrendo. A produtividade e a capacidade de produção aumentavam rapidamente e a produção em série crescia. Com a introdução de tecnologias e novas fontes de energia, passou a haver um interesse para a pesquisa científica com o objetivo de desenvolver novas e melhores técnicas de produção.

O resultado deste processo — a moderna unidade de produção, a fábrica — é necessariamente um fenômeno urbano. Ela exige, em sua proximidade, a presença

de um grande número de trabalhadores. O seu grande volume de produção requer serviços de infra-estrutura (transportes, armazenamento, energia etc.), que constituem o cerne da moderna economia urbana. Quando a fábrica não surge já na cidade, é a cidade que se forma em volta dela. Mas é, em ambos os casos, uma cidade diferente. Em contraste com a antiga cidade comercial, que impunha ao campo o seu domínio político, para explorá-lo mediante uma intrincada rede de monopólios, a cidade industrial se impõe graças à sua superioridade produtiva. A burguesia industrial toma o poder na cidade em nome do liberalismo e varre para fora do cenário a competição das formas arcaicas de exploração. O capital comercial perde seus privilégios monopolísticos e acaba se subordinando ao capital industrial, reduzido ao papel de mero intermediário.

Quando se dá a Revolução Industrial, a economia mundial, no sentido de uma ampla divisão internacional do trabalho que abrange cidade e campo de múltiplos países, já estava dada. Nesta economia mundial, a posição dos vários países não era a mesma. O acesso ao mercado externo de cada país dependia do seu poder político, sobretudo de sua capacidade de monopolizar colonialmente territórios no além-mar e de dominar rotas marítimas. Neste sentido, a Grã-Bretanha desponta, no fim do século XVIII, como a potência líder da economia mundial. É o domínio inglês de uma ampla gama de mercados externos, a condição chave da Revolução Industrial, que se inicia naquele país. (SINGER, 2002. p. 22-23)

A mudança no meio de produção, e a busca de melhores condições de vida e de serviços modificam a distribuição dos habitantes no território, devido a um fluxo migratório do campo para a cidade. O consumo dos produtos aumentou, e os meios de produção também, acarretando em mudanças sociais, econômicas e tecnológicas nas cidades, o ritmo de vida acelerou, e por isso era preciso transportes mais rápidos e eficientes. Desenvolveram-se outros meios de comunicação e de transporte, tornando-os mais rápidos e eficazes, permitindo uma mobilidade tanto de pessoas quanto de mercadorias em menor tempo.

Houve um declínio no índice de mortalidade, pois já havia meios de tratar doenças com medicamentos, por isso a população aumentou e conseqüentemente cresceu também o número de bens e serviços que eram produzidos pela agricultura, pela indústria e pelas atividades terciárias, pois os habitantes, em maior número, exigem mais serviços e de melhor qualidade. (BENÉVOLO, 2003)

A especulação imobiliária aumentou e, o governo se aproveitou dessa desorganização do crescimento da cidade para pagar suas dívidas, vendendo as propriedades públicas. Logo apareceram as grandes dificuldades de toda cidade em desenvolvimento: a sujeira, o trânsito, a insalubridade.

É a partir da segunda metade do século XIX que a cidade industrial começa a mostrar suas deficiências. A cidade que tinha seu núcleo inicial bem definido, com o crescimento acelerado, surge ao seu redor uma área chamada periferia. Esse núcleo inicial tinha estrutura para manter somente a si, e não para agüentar esse aglomerado de pessoas que chegava e se instalava nas periferias. As ruas estreitas, e construções pequenas e compactas não atendiam mais a demanda de pessoas que migravam para ela. Diante desse cenário, a

situação se inverte, as pessoas que eram proprietárias das casas que ficavam no núcleo, decidem ir para a periferia, para viver em casas maiores, e os casebres deixados para trás servem de moradia para os pobres e imigrantes recém chegados.

A periferia, que não foi parte da cidade planejada ou formada na época medieval, surge de maneira desordenada em um território onde se encontra todo tipo de edificação, seja de conjuntos para moradia, do luxuoso ao pobre, e até mesmo vilas industriais, que abrigavam as pessoas vindas para trabalhar nas fábricas.

No século XIX apareceram propostas de intervenção para as cidades, que de alguma forma tentavam resolver os problemas surgidos com essa nova realidade. O Plano de Haussmann para Paris é um dos mais ricos exemplos que pode ser chamado de “planejamento urbano moderno”. Haussmann projeta uma série de avenidas rasgando o tecido medieval de Paris, buscando assim facilitar a circulação, o acesso rápido a toda a cidade estabelecendo uma imagem geral de modernidade, eliminando bairros degradados, e arborizando e iluminando ruas. Na Figura 02 pode-se observar nas linhas mais grossas as novas ruas, no tracejado quadriculado os novos bairros e no tracejado horizontal, os dois grandes parques periféricos



Figura 02 - Esquema de trabalhos de Haussmann em Paris
Fonte: Benevolo, 2004, p. 97

O século XX dá continuidade às grandes mudanças, invenções e transformações ocorridas no século anterior. Os [Estados Unidos](#) se destacam economicamente e politicamente tornando-se o grande líder mundial na área industrial e de produção. Nos continentes Africanos, América Central e do Sul e Asiáticos, era tempo de ganhar autonomia, e estavam caminhando progressivamente.

Mas a Europa ainda dominava o Mundo no início do século XX, isso em relação a produção comercial. Mas havia diferença entre os países da Europa Central e do Norte, que estavam mais desenvolvidos que o do Sul e do Leste. Começavam então a nascer outras potências mundiais como os EUA e o Japão. Os países europeus procuravam o domínio colonial (imperialismo) para obter lucros, embora as colônias comesçassem a tentar tornar-se independentes, pois devido a todas as mudanças, o poder já não era mais absoluto da Europa e começa a caminhar para outros países.

Apesar de a primeira metade do século XX ser marcada por avanços tecnológicos, foi também um período de instabilidade econômica e geopolítica. Houve a Primeira Guerra Mundial (1914-1918), Revolução Russa (1917), Grande Depressão (1930) e a Segunda Guerra Mundial (1939-1945). Em poucas décadas o capitalismo passou por crises e transformações.

2.2 Paris no século XIX

No século XIX Paris (Figura 03) era a segunda cidade mais industrializada da Europa. A cidade sofreu um aumento populacional significativo depois do processo de industrialização, e apresentava condições de vida precárias especialmente entre a classe mais pobre. Eram necessárias reformas em para remediar os desarranjos das cidades industriais. A reforma de Paris, de 1851 a 1870 foi efetuada pelo Barão Haussman durante o governo de Napoleão III. (LUCIANO, 2008, não paginado).

Os objetivos da reforma de Haussman eram acabar com os problemas que chegaram devido ao rápido processo de industrialização. As principais obras eram: construir edifícios públicos para atender a população que crescia, como: hospitais, edifícios administrativos, estações de transporte, assim como reformar os sistemas de água e esgoto e criação de áreas verdes que trouxessem meios de tornar o lugar mais saudável e ter um local para o lazer da população. A intenção era tornar Paris a cidade mais importante do Mundo. O centro da cidade no momento em que a reforma estava sendo executada tinha diversos problemas, as ruas estreitas, casas sobrepostas umas sobre as outras, ou seja, situação precária para viver.

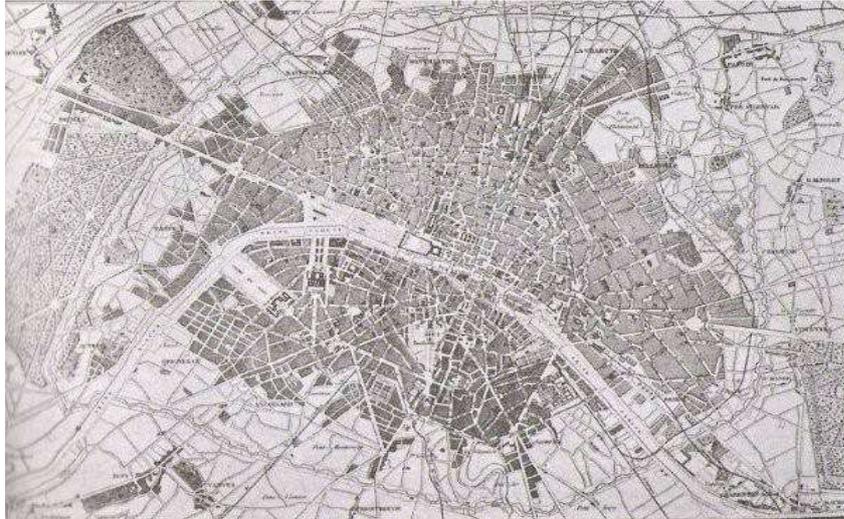


Figura 03 - Planta de Paris em 1853
Fonte: Benevolo, 2004, p. 93

As obras executadas por haussmann podem ser ordenadas em cinco categorias (Figura 04): As obras viárias; trabalhos de edificação pública; criação de parques públicos; instalações da cidade velha, como: instalações hidráulicas, nova rede de esgotos, a instalação de iluminação é triplicada, serviço de transportes públicos é reordenado; modificação na sede administrativa da capital.

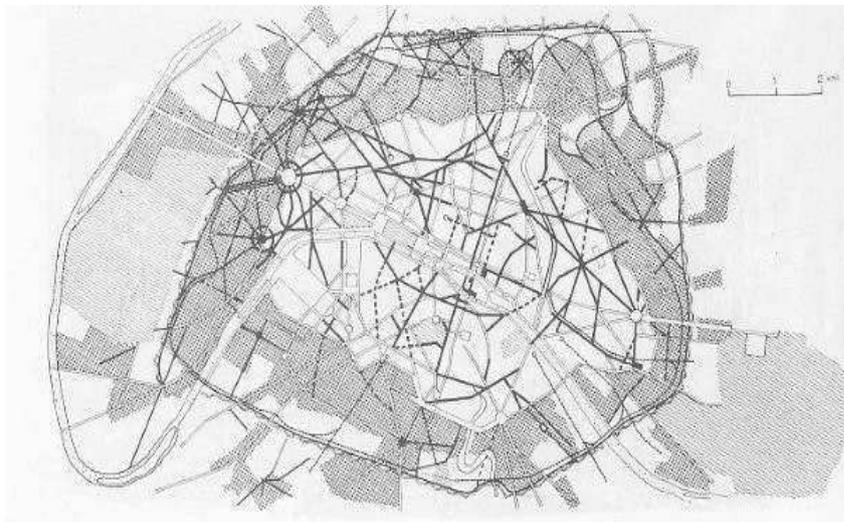


Figura 04 - Esquema dos percements realizados por Haussmann
Fonte: Benevolo, 2004, p.97

A atuação de Haussman, que primeiramente sofreu críticas devido a destruição de áreas da cidade velha, logo foi reconhecida por melhorar a cidade tornando-a mais salubre, higiênica e funcional. Depois da intervenção de Haussman a cidade-luz se torna um exemplo de planejamento urbano eficiente.

2.3 No Brasil

A Industrialização chegou ao Brasil com atraso, alguns dos motivos foram as dificuldades impostas por Portugal. No momento em que a Europa vivia a primeira revolução Industrial, o Brasil ainda permanecia no modelo escravista. A industrialização referente à Primeira Revolução Industrial na Europa só foi vivida aqui no Brasil por volta de 1930, o que ocasionou uma enorme dependência econômica, originando os maiores problemas sociais, políticos e econômicos enfrentados até os dias atuais.

Na passagem do século XIX para o século XX, a economia do Brasil ainda era agroexportadora. Mesmo com atraso, o país sofreu muitas modificações sociais e culturais por haver uma integração com esse novo mundo capitalista, através de uma nova elite formada por pessoas que já tinham a mentalidade compatível com o que estava acontecendo na época na Europa. Os ricos cafeicultores começaram a investir recursos no comércio e na indústria. O desenvolvimento maior aconteceu nos setores: alimentício e têxtil. E nasce a industrialização brasileira.

A cidade do Rio de Janeiro era o pólo industrial mais desenvolvido nesse período, mas na década de 1920, São Paulo ganha o título de maior pólo distribuidor, exportador e importador.

[...] Dos 10.204 operários recenseados em 1901, 2.648 eram homens e 6.801 mulheres. Dentre as 6.801 operárias, 1.706 maiores de 22 anos, 2.966 entre 16 e 22 anos, 1.885 entre 12 e 16 anos e 244 abaixo dos 12 anos. Entre os operários, 1.825 eram maiores de 16 anos, 696 estavam entre 12 e 16 anos e 127 menores de 12 anos. (SILVA apud SOUSA, 2008, p. 89)

Em 1917, a reboque da Revolução Russa, estourou a primeira greve dos trabalhadores das fábricas de tecido em SP (Foto 01). O movimento operário passou por um período de estagnação. Somente em 1930, quando Getúlio Vargas chega ao poder, é que as leis trabalhistas serão regulamentadas.

Em São Paulo foram instaladas as primeiras indústrias automobilísticas e químicas e as de pequeno porte, com a finalidade de confeccionar embalagens de produtos para exportação e roupas para escravos. As primeiras indústrias brasileiras eram instaladas nas cidades, por conta da estrutura já encontrada como: energia, e mão-de-obra.

Germinam o artesanato, pequenas fábricas e indústrias de médio porte em todos os pontos habitados do país, onde há razoável demanda dos consumidores, com maior ênfase nos centros mais populosos e onde é maior a presença de imigrantes europeus, que têm algum conhecimento desse tipo de atividade econômica. (BRUM, 1987, p.54).

A classe operária do Brasil inicia-se com a chegada dos imigrantes europeus ao país, que a princípio iam para as fazendas de café, e a medida que as fábricas eram instaladas, essa mão de obra migrava para o Rio de Janeiro e São Paulo. A população de São Paulo que em meados de 1870 era de 20 mil habitantes, cresceu para 600 mil em 1920. A cidade acompanhou esse crescimento, aparecendo assim o sistema de transporte e eletrificação, ajudando no crescimento da produção.

Neste período as fábricas se assemelhavam às prisões, pois além de funcionarem em galpões fechados, eram constantemente vigiados por guardas armados, que revistavam os funcionários, que recebiam salários baixíssimos com longas jornadas de trabalho, que chegavam a 18 horas por dia. Por conta desses fatos, a mão de obra encontrada era a infantil e feminina. (Foto 02)



Foto 01 – Greve geral de São Paulo, 1912
Fonte: Oliveira, 2010.

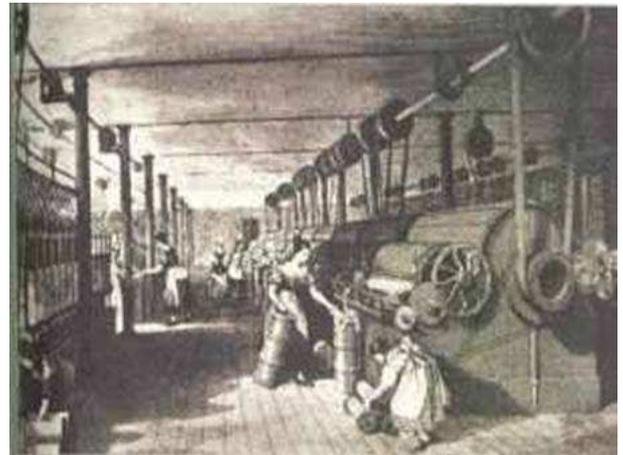


Foto 02 - Fábrica no século XIX com mão de obra feminina
Fonte: EGAS, 2008.

No final do século XIX as indústrias brasileiras ainda eram pequenas fábricas, mesmo com o investimento de parte da renda do café e da borracha. A indústria do país buscava atender o consumo externo e interno, apesar da economia agrícola e colonial ainda ter permanecido boa parte do tempo, o que atrasou o desenvolvimento capitalista¹.

Geralmente tem-se o ano de 1844 como marco para o início do desenvolvimento industrial no Brasil do século XIX, apesar de antes disso notar-se a fundação de algumas indústrias. Segundo Vincenzi (apud STELLING, [200-?], p.5), “a primeira fábrica de tecidos nacional foi criada no ano de 1814, em Vila Rica (MG)”. Desse modo, Lima (apud STELLING, [200-?], p.5) “sustenta que entre 1822 e 1841 o total de fábricas brasileiras

¹ Desenvolvimento capitalista é o desenvolvimento realizado sob a égide do grande capital e moldado pelos valores do livre funcionamento dos mercados, das virtudes de competição, do individualismo e do Estado mínimo. (SINGER, 2004, não paginado)

alcançou 14 unidades, sendo apenas duas sociedades anônimas; presume-se, através da análise de documentos da época, que a maioria dessas plantas fosse têxtil.”

O Brasil ainda era muito atrasado comparado com a Europa, mas houve intensificação na indústria brasileira, sendo vários fatores que contribuíram como: o êxodo rural, que aconteceu com queda do café, fez as cidades crescerem, e com isso tiveram várias conseqüências; o aumento de consumo, pois a população aumentara; e de produção, que pudesse suprir as suas necessidades.

Distribuição geográfica estimada das fábricas brasileiras de tecidos 1866, 1875, 1885

PROVÍNCIA	1866	1875	1885
MARANHÃO		1	1
PERNAMBUCO		1	1
ALAGOAS	1	1	1
BAHIA	5	11	12
RIO	2	5	11
SÃO PAULO		6	9
MINAS GERAIS	1	5	13
TOTAL	9	30	48

Fonte: Furtado. 1991

Como pode ser observado no quadro acima, o centro da economia brasileira era no eixo Rio/São Paulo. Até 1930, era insignificante a participação da indústria na economia brasileira. A Primeira Guerra Mundial, a crise econômica de 1929 e a Revolução de 1930 criaram as condições para o início do processo de ruptura do Brasil com o passado colonial e a decolagem do processo de industrialização do país.

As forças políticas que assumiram o poder no Brasil em 1930 apoiaram e implementaram um projeto de industrialização com o objetivo de retirá-lo do atraso econômico e impulsioná-lo rumo ao progresso, com a implantação de um parque industrial próprio, nos moldes das nações européias e dos Estados Unidos.

Segundo Brum (1987, p.67), em 1930 torna-se vitoriosa a ideologia do nacionalismo que defende o desenvolvimento autônomo com forte base industrial, onde o desenvolvimento industrial se daria pela produção no próprio país do que antes era importando do exterior. Inicialmente, entre os anos de 1930 e 1940, intensificou a indústria na produção de bens de consumo não-duráveis.

Vale ressaltar alguns aspectos no que diz respeito ao desenvolvimento econômico e social do Brasil, como: o atraso no processo de industrialização, que se realizou apenas no século XX, ficando muito atrás das grandes nações capitalistas; a desigualdade das regiões no

processo de industrialização; e a desigualdade social que chegou a ser crítica em certos momentos.

Apesar de todas as dificuldades, o crescimento da atividade industrial no país nos últimos 50 anos colocou o Brasil entre os países mais industrializados do mundo, principalmente em setores como o de alimentos, têxtil e o de siderurgia.

2.4 No Maranhão

A partir da segunda metade do século XIX, a economia agroexportadora no Estado do Maranhão começa a dar sinais de esgotamento. A concorrência de outros países, como os Estados Unidos, diminuiu o preço do algodão no mercado internacional, além de causar a baixa da exportação maranhense.

Com a Guerra Civil Americana², entre os anos de 1861 e 1865, ocorreu uma rápida melhora na lavoura maranhense, pois a Inglaterra cada vez mais industrializada precisava do algodão para suas fábricas. Coube ao Maranhão suprir os teares ingleses, devido a desorganização da produção norte-americana. Mas bastou acabar o conflito para restabelecer o comércio entre Inglaterra e Estados Unidos, e os produtores maranhenses não conseguiram concorrer com os produtores ingleses.

Porém, foi justamente nessa conjuntura econômica adversa se deu a implantação das primeiras fábricas modernas no Maranhão, diferentemente do que ocorria nas regiões paulista e fluminense, onde se verificava uma estreita relação entre indústrias e pujança econômica da lavoura de café (FEITOSA, 1994, p. 215).

Durante muitos anos no século XIX, o arroz e principalmente o algodão geraram muitos lucros para a economia maranhense, porém tornou-se no início do século XX o principal responsável pela falta de estabilidade da economia no Maranhão. A falta de qualidade devido a ausência de investimentos tecnológicos atrasou o desenvolvimento, ficando assim a cidade de São Luís atrás das outras cidades produtoras, o que caía o preço no mercado para exportação. Ainda houve tentativas para evitar a queda da economia, antes com a cana e a implantação de engenhos, depois com as fábricas têxteis. O açúcar não contribuiu, e a resposta para o investimento não foi a esperada. O campo não conseguiu se manter estável, principalmente pela abolição da escravidão, em 13 de maio de 1888, o Estado enfrentou um

² Guerra Civil Americana ou Guerra de Secessão consistiu na luta entre 11 Estados Confederados do Sul latifundiário, aristocrata e defensor da escravidão, contra os Estados do Norte industrializado, onde a escravidão tinha um peso econômico bem menor do que no Sul. (GUERRA..., [200-?], não paginado).

período decadência econômica, do qual viria a se recuperar no início o processo de industrialização, a partir da produção têxtil.

O surto industrial maranhense efetivou-se realmente a partir da segunda metade do século XIX, no fim do Império e início da República, foi a maneira encontrada pelos homens de negócios para superar as dificuldades por que passava a atividade algodoeira do Estado. As indústrias surgiram como uma maneira de manter o que ainda restava economicamente. Dentre os produtos agrícolas comercializados e com produção incentivadas pelo governo, destacam-se o algodão, o açúcar, o tabaco e o arroz.

O algodão, que percorreu toda a história econômica do Maranhão até as primeiras décadas do século XX, como o mais importante produto econômico do Estado, manteve em destaque o seu valor, chegando inclusive a ser utilizado como moeda por um longo tempo. Antes cultivado apenas para utilização doméstica e artesanal, aparece como produto de extrema necessidade para exportação, pois as fábricas têxteis inglesas durante o processo intenso de sua industrialização necessitavam de fibras. O algodão passou a ser cultivado pela mão de obra escrava e em grandes propriedades. O cultivo se estendeu ao interior, devido a fartura de terras virgens e a fatores climáticos propícios, daí explica-se o fato de ter se concentrados na região de Caxias.

Com o fim da escravidão, há uma grande desorganização na exploração algodoeira, levando os principais detentores de capitais a investirem no setor de indústria têxtil. Inseridas em sua maior parte na ilha de São Luís, as fábricas têxteis foram de certa forma resultados da agonia do campo, provocadas em parte pela abolição. A aristocracia nesse momento tem papel menor na sociedade, interferindo somente de forma indireta nos avanços que se seguem.

O processo industrial tem início no Maranhão. É um período relevante para a história do Estado, pois se trata de uma mudança significativa do comportamento de uma sociedade que passa do escravismo para o trabalho assalariado. Foi uma mudança com imenso significado social, mudando também assim a forma de vida e moradia dos trabalhadores, que passam a se instalar perto das fábricas ou nas periferias das cidades.

A indústria têxtil ganhava destaque, principalmente após os êxitos obtidos pela primeira fábrica de tecidos de algodão do Estado, a “Companhia Industrial Caxiense”. Muitos capitalistas viam-se estimulados a investir no mesmo ramo de atividade e em 1888 organizava-se a “Fábrica da Câmboa”, que abre suas portas em 1890 a primeira fábrica têxtil de São Luís, e a partir de então houve um aumento desses estabelecimentos fabris na capital.

Com a inauguração de algumas das fábricas têxteis em São Luís, a imagem da cidade mudou, pois aumentava a população, a densidade, e como consequência disso a suburbanização. Devido a necessidade dos trabalhadores morarem perto dos seus locais de trabalho surgiram as primeiras habitações operárias no entorno das fábricas. É nesse período em que o crescimento urbanístico da cidade se tornou mais acentuado proporcionalmente, devido ao pleno funcionamento das indústrias têxteis.

Junto com as fábricas, vieram as empresas comprometidas em introduzir melhoramentos urbanos em São Luís, que aumentaram o número de oferta de empregos na capital, como a criação da Companhia Telefônica de São Luís (1890) e a Companhia de Reboque e Alvarenga, trazendo melhorias no serviço de comunicação e transporte.

É dentro dessa perspectiva industrial que se foi procurando reorganizar a vida econômica maranhense no período republicano, abalada pela queda dos preços dos produtos agrícolas no mercado internacional e pela retração das exportações, somadas à desorganização da grande lavoura em decorrência da abolição.

Um novo produto aparece para exportação, que teve valor maior durante e após a conjuntura da I Guerra Mundial: o babaçu, cujo coquilho era encontrado de forma abundante em vastas áreas do território maranhense. A partir desse período, houve uma rápida expansão do comércio maranhense, que além do babaçu, continua a explorar: o algodão, tecidos, arroz, farinha, milho e couros de grande valor para o mercado internacional, aumentando o valor das exportações.

Mas essas fábricas funcionaram até meados do século XX, declinaram devido a dificuldades administrativas e financeiras, assim como maquinários obsoletos. Essa diminuição dos negócios e retraimento dos compradores ocorre justamente quando começava haver uma superprodução local de tecidos de algodão. A necessidade da venda dos estoques levou os produtores a recorrerem a outros Estados, onde as transações eram efetuadas à força de abatimento nos preços. Assim, aqueles anos de prosperidade fabril, seguiu-se um longo período de depressão e ruína de várias empresas.

Como é sabido, o Maranhão vive ainda do que produzem sua lavoura e suas indústrias extrativas.

Logo depois da abolição da escravatura, criou-se no Estado a indústria de fiação e tecelagem. Produzíamos, ao tempo, ótimo algodão, e tudo indicava que a indústria nascente viria a constituir, em futuro próximo, a linha mestra da nossa estrutura econômica. As onze fábricas de tecido que então se constituíram e passaram a funcionar, justificava plenamente essa esperança. Mas aconteceu o contrário. A nova indústria não dispunha de capital suficiente para desenvolver-se. Os próprios estabelecimentos fabris foram levantados com recursos captados na economia popular, pelas sociedades anônimas que se incorporaram para tal fim. Esgotada a

fonte do numerário, antes de consolidada a indústria, ficou esta exposta às conseqüências das bruscas oscilações dos mercados, em condições desfavoráveis, portanto, para competir com as congêneres dos Estados do sul. E por isso não prosperou de modo a influir, decisivamente, como se esperava, na economia maranhense. (RELATÓRIO... apud BARBOSA, 2005, p.16)

No começo da década de 1940 o algodão já era 70% do valor das exportações do Maranhão, apesar das evidências indicarem que havia ainda atraso nesse sistema de pequena escala e técnica rudimentar, se compararmos com ao praticado no centro – sul Era previsível que essa indústria têxtil maranhense, que foi a responsável por três surtos industriais, na última década do século XIX e no decorrer da Primeira e da Segunda Guerra Mundial, não demorasse a entrar em decadência, pois não agüentaria a competição com o desenvolvido parque industrial têxtil do centro-sul do país, que apresentava vias de acesso modernas e custos de transporte mais baratos.

A falta de um setor agrícola com força, principalmente do algodão, e também a inexistência de indústrias de base, o êxodo rural e a venda de propriedades rurais a preços baixíssimos, trazem a crise para o parque fabril maranhense, que dependiam exclusivamente das flutuações do mercado internacional e das pequenas quedas dos seus concorrentes, acarretando a falência gradativa do setor que sobreviveu precariamente até a metade do século XX.

3 O ALGODÃO E A INDÚSTRIA TÊXTIL

Este capítulo terá uma abordagem histórica sobre o cultivo do algodão como principal atividade econômica durante todo o período colonial e Imperial, que depois serviu de base para a indústria têxtil, proporcionando uma notável expressão econômica e social para o Brasil e para o Maranhão.

3.1 No Brasil

A ascensão do setor têxtil no século XIX dá-se inicialmente com a produção de tecidos grossos para vestimenta de escravos e trabalhadores livres, e para ensacar o açúcar e o café, este o principal produto de exportação brasileiro no período. Aparece a partir daí a organização em bases empresariais, e as empresas brasileiras começam a substituir as importações de tecidos.

No ano de 1844, traçou-se a primeira política industrial brasileira, quando foram elevadas as tarifas alfandegárias para a média de 30%, fato que provocou protestos de várias nações européias (PRADO apud MELO, 2004, p. 11) Esta política resultou em estímulo à industrialização, principalmente no ramo têxtil, que iniciou esse processo. Porém, o processo da industrialização foi lento até a chegada da fase de implantação da indústria no Brasil.

A evolução da indústria têxtil no país, também teve outros fatores que contribuíram, como a guerra civil americana; a guerra do Paraguai; e a abolição do tráfico de escravos. Dessa maneira em 1864 estariam funcionando no Brasil 20 fábricas, com cerca de 15.000 fusos e 385 teares. Menos de 20 anos depois, ou seja, em 1881, aquele total cresceria para 44 fábricas e 60.000 fusos, gerando cerca de 5.000 empregos. Nas décadas seguintes, houve uma aceleração do processo de industrialização e, às vésperas da I Guerra Mundial, contávamos com 200 fábricas, que empregavam 78.000 pessoas (TEXTÍLIA apud KELLER, 2005, p. 13). Portanto, em 1864, o Brasil já tinha uma razoável cultura algodoeira, matéria-prima básica da indústria têxtil, mão-de-obra abundante e um mercado consumidor em crescimento.

3.2 No Maranhão

O algodão, durante muito tempo, desde o período colonial até meados do século XX foi o produto de maior importância no Estado do Maranhão, chegou a ser utilizado até

como moeda por um tempo considerável. No Brasil, o Maranhão despontou como o primeiro grande produtor, seguido por toda a região Nordeste que apareceu como a grande região algodoeira do país.

A princípio sua utilização era somente para fabricar tecidos para roupas dos que ali necessitavam, colonos e escravos, mas a partir da Revolução Industrial houve a necessidade de exportação de algodão para produção de tecidos na Europa, dando ao algodão o lugar de grande relevância e expressão na exportação tanto brasileira, quanto maranhense, resultando assim no desenvolvimento estadual.

A economia algodoeira, que foi a uma das mais importantes para o sustento na construção e no crescimento do Maranhão, em especial sua capital São Luís, desenvolveu-se com a utilização de mão-de-obra escrava.

Mas é a partir de 1846, que alguns fatos começaram a afetar o cultivo do algodão no Estado, como: a inviabilidade na importação dos escravos, ou seja, a venda de escravos era mais vantajosa do que produzir o algodão, pois foi a época em que o sudeste brasileiro se expandia na exportação do café e era necessário uma grande demanda de mão-de-obra escrava, o que atraía os proprietários maranhenses.

Com a Guerra de Secessão nos Estados Unidos entre 1860 e 1865, houve um aumento forte da demanda pelo algodão no mercado internacional, e aumentou o estímulo a atividade algodoeira também no Maranhão. Mas os americanos após o conflito retomaram sua produção, e rapidamente reverteram o quadro, levando assim a lavoura de algodão do Maranhão a uma nova crise.

Segundo Viveiros (1954) “Para logo, cerca de 70% dos engenhos de cana e 30% das fazendas algodoeiras fecharam as portas [...]. Por tudo isso, no próprio ano de 1888, a desvalorização da fazenda agrícola maranhense atingia a 90%” e era agravada pela abolição da escravatura de 1888, além de entrar na disputa pelos poucos trabalhadores que restavam, com o extrativismo da borracha amazônica.

3.3 As primeiras fábricas têxteis do Maranhão

Foi na época que o cultivo de algodão do Maranhão entrou em crise, que aconteceu o que Viveiros (1954) chama de “loucura industrial”. Os lavradores decidem investir em fábricas, devido a dificuldade de produzir e comercializar seus produtos. Em 1895 Existiam no estado 27 unidades fabris, sendo que 17 pertencentes a sociedades anônimas e 10 a particulares. Desse total, 10 fábricas de fiação e tecidos de algodão; 1 de fiar algodão; 1 de

tecido de cânhamo; 1 de tecido de lã; 1 de meias; 1 de fósforos; 1 de chumbo e pregos; 1 de calçados; 1 de produtos cerâmicos; 4 de pilar arroz; 2 de pilar arroz e fabricar sabão; 1 de sabão e 2 de açúcar e aguardente.

A primeira fábrica têxtil maranhense foi inaugurada em 1883, a Companhia Industrial Caxiense: 1.000 contos de capital, incorporado pelo Dr. Francisco Dias Carneiro, com 130 teares e 250 operários, produzindo tecidos crus e tintos. Em seguida, em 1889 era instalada a Companhia União Caxiense, investimento de 850 contos, 220 teares, com 350 empregados, produzindo tecidos crus. Em Caxias ainda se instalou a Fábrica Sanharó, 150 contos, 26 teares, 60 operários; fabricava panos de algodão.

Em São Luís, a primeira fábrica do gênero só se instalou em 1888, foi a Companhia de Fiação e Tecidos Maranhense, construída na Camboa do Mato, às margens do rio Anil, com capital de 1.200 contos, 300 teares, produzindo tecidos em geral, riscados grossos e finos e fios em novelos.

Depois destas primeiras, outras fábricas surgem no Maranhão, dentre elas:

- a) Companhia de Fiação e Tecidos de Cânhamo, em 1891, com objetivo de fabricar tecidos de juta;
- b) Companhia Progresso Maranhense, em 1892, produzindo panos de algodão;
- c) Companhia Fabril Maranhense – Santa Isabel, produzindo riscado e domésticos de algodão;
- d) Companhia de Fiação e Tecidos do Rio Anil, em 1893, produzindo morins e madapolões;
- e) Companhia Manufatureira e Agrícola, de Codó, produzindo fazenda, fios e corda;
- f) Fábrica de Tecidos de Malha Ewerton, instalada em São Luís, em 1893, produzindo meias e tecidos para camisas;
- g) Companhia Industrial Maranhense, 1894, destinada à manufatura de fio, punhos e linha de pesca;
- h) Companhia Lanifícios Maranhenses, com o objetivo de tecer todos os produtos de lã, seda e algodão.
- i) Fábrica Santa Amélia, 1902, fábrica de tecidos e algodão.

A Companhia de Fiação e Tecidos de Cânhamo, foi fundada a 6 de abril de 1894. Localizava-se na Rua Senador Costa Rodrigues, no bairro de São Pantaleão, faliu em 1969, dando lugar ao Centro de Produção Artesanal do Maranhão (CEPRAMA). “[...] tinha como

matéria prima a juta, e no ano de 1922 empregava 160 operários, sendo 40 homens e 120 mulheres”. (PAXECO apud SILVA FILHO, 2006, p.45).

A Companhia Fabril Maranhense – Santa Isabel, foi fundada em 5 de janeiro de 1893, falindo em 1971, foi segundo Antônio Guimarães, provavelmente a mais promissora indústria têxtil do Estado. Isso se deve pela qualidade e variedade do que era produzido pela indústria.

A fábrica em sua plena atividade chegou a empregar cerca de 900 operários, gerando conseqüente, nas imediações da Companhia, onde hoje funciona o depósito do Supermercado Bom Preço, um numero considerável de edificações habitacionais, ficando o lugar depois conhecido como Canto da Fabril.

A Companhia de Fiação e Tecelagem São Luís, foi durante o tempo que funcionou uma das menores fábricas da cidade, empregando em certo tempo somente 60 operários. Foi inaugurada em setembro de 1894 e faliu na década de 1960. Especializada na produção de riscados e brins juntamente com a fábrica Santa Amélia, pertenciam a firma Candido Ribeiro & Companhia. Assim como a Santa Amélia empregava em 1922 um total de 540.

Companhia Progresso Maranhense, fundada em abril de 1892, não tem dados históricos sobre sua falência. Funcionava na Rua São João (Antônio Rayol), no prédio onde um dia funcionou o SIOGE.

A Fábrica de Fiação e Tecidos Santa Amélia, foi fundada em 02 de março de 1900, falindo na década de 1960. Funcionou na Rua das Crioulas (Cândido Ribeiro), N.º 250. Hoje o prédio encontra-se em ruínas, pertencendo à Universidade Federal do Maranhão

A Companhia Industrial Maranhense foi fundada em fevereiro de 1894, falindo também na década de 1960. Funcionou na Rua dos Prazeres. Pouco se sabe sobre sua história. Hoje funciona a sede administrativa da CAEMA.

Fábrica de Tecidos e Malhas Ewerton, funcionou na Rua de Santana em local incerto, provavelmente na tinha pequeno porte e fabricava principalmente meias. Seu mercado era destinado a São Luís. Como a maioria das fábricas, também faliu na década de 1960.

Companhia de Fiação e Tecidos Rio Anil, fundada em 1890 e falindo em 1966. Funcionou no Bairro do Anil, onde hoje funciona o Colégio Cintra.

No mapa abaixo (Figura 05) destacam-se as principais fábricas têxteis da cidade de São Luís, é perceptível que a maioria concentra-se no núcleo central da cidade, exceto a Rio Anil, que contribuiu para que a cidade crescesse e se desenvolvesse para o outro lado da cidade.

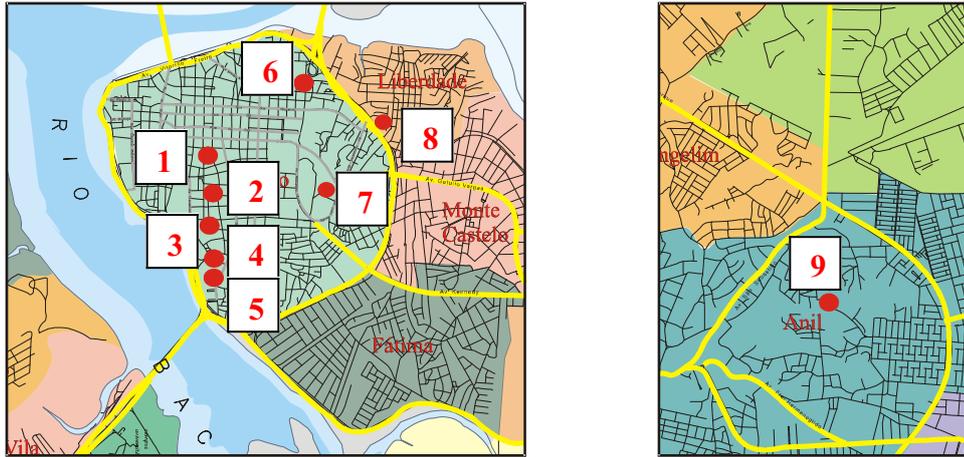


Figura 05 – Mapa com nove fábricas têxteis.

FÁBRICAS TÊXTEIS DE SÃO LUÍS-MA	
Fábrica de Tecidos e Malhas e Ewerton	1
Fábrica Santa Amélia	2
Companhia Progresso Maranhense	3
Companhia de Fiação e Tecelagem São Luís	4
Companhia de Fiação e Tecidos Cânhamo	5
Companhia Industrial Maranhense	6
Companhia Fabril Maranhense – Santa Isabel	7
Companhia de Fiação e Tecidos Maranhense	8
Companhia de Fiação e Tecidos Rio Anil	9

Segundo Silva Filho (2006, p. 45) “Entre o final do século XIX e o início do século XX, vivia-se o tempo da euforia, em que as fabricas traduziam-se para muitos em símbolo de “civilização” e “progresso”. Idéias-chave tanto para aqueles que conduziam a economia quanto para os que se ocupavam da política. A época da implantação do parque fabril, foram muitas as vozes entusiasmadas que propalavam discursos alusivos a prosperidade que a instalação das fábricas trariam ao Maranhão, como mencionava o jornal a “Pacotilha” quando do lançamento da pedra fundamental do edifício que abrigaria as instalações da fábrica do Anil: “uma era de prosperidade para a pátria maranhense que de há certo tempo para cá vai despertando do marasmo, da indiferença em que permaneceu longos anos, da atrofia, com que o organismo depauperado pelos vícios da escravidão”. (ITAPARY, 1995, p. 27).

A tecnologia e os equipamentos utilizados vinham da Inglaterra, e operaram até os anos 60 do século XX. Os teares e fusos utilizados até os anos 50 do século XX eram de fabricação anterior a 1900. Faltou capital para investir em novos equipamentos, o que paralisou tecnologicamente a indústria do Maranhão. Devido a isso, reduziu a produção e o investimento, passando a vez para as novas fábricas do Sudeste, que produziam fibras sintéticas.

Não resistindo ao confronto com as fábricas do Sul e Sudeste, a indústria têxtil maranhense sucumbiu. E suas causas mais notáveis foram: a falta de atualização tecnológica e o custo elevado dos encargos sociais; baixo poder aquisitivo do consumidor; a escassez de mão-de-obra qualificada e a impossibilidade material para a modernização dos maquinários.

Atualmente, o ramo da indústria têxtil do Estado tem poucas fábricas de fiação, que, não demonstram a potencialidade do Maranhão para o setor.

4 A CIDADE DE SÃO LUÍS E AS FÁBRICAS

A capital maranhense, devido ao comércio do algodão, já foi considerada a quarta cidade mais próspera do país, atrás de Salvador, Recife e Rio de Janeiro. Por causa da queda do final do século XIX, a produção agrícola foi aos poucos sendo suplantada pela indústria têxtil que colaborou para a expansão geográfica da cidade e surgimento de novos bairros na periferia. “De fato, a instalação deste parque fabril teve pouco impacto sobre o crescimento demográfico, mas contribuiu para a desconcentração dos serviços e da malha viária, até o Anil” (LOPES, 2008, p.25.)

No mapa abaixo de 1912 da cidade de São Luís (Figura 06), pode observa essa desconcentração da malha viária.

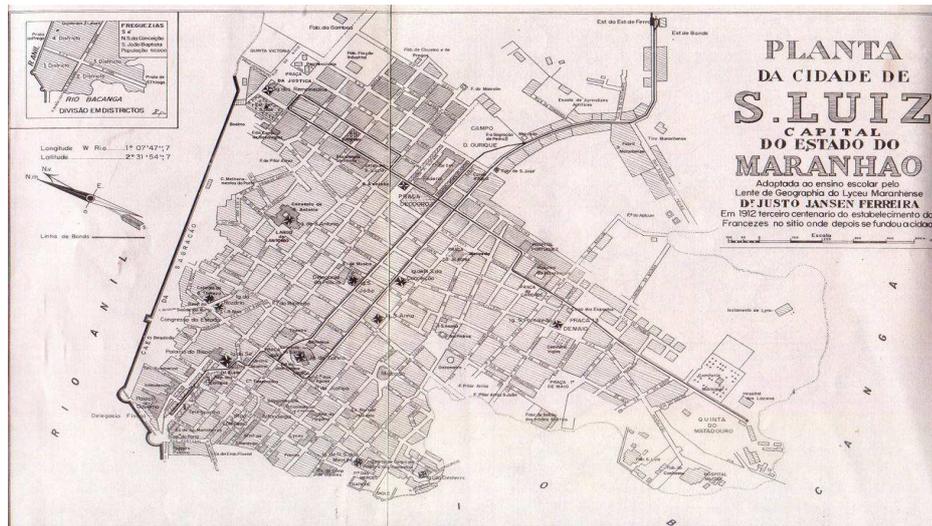


Figura 06 - Planta de São Luís do Maranhão, 1912.
Fonte: PLANTA..., 1912

No momento em que São Luís queria ser intitulada de *Manchester do Norte*, foi a época em que a burguesia rural abandonava o campo para a cidade, com isso melhorar suas condições de vida, mas a cidade ainda não tinha estrutura para isso. Era o período em que São Luís apresentava surtos de epidemias e moléstias que matava muita gente e as instituições médicas começavam a ser erguidas. A população aumentava devagar, de 1916 até 1940, de acordo com os recenseamentos da época, passou de 50.000 habitantes para 58.735. A cidade tinha “uma área de cerca de 350 hectares com várias praças arborizadas e jardins públicos” (CANTANHEDE apud LOPES, 2008).

Algumas administrações da República operaram trabalhos de embelezamento no começo do século: foram ajardinadas praças e avenidas; sem falar na melhoria parcial – ou na remodelação- da edificação pública e privada. Infelizmente o sistema

de esgotos não foi posto em estado de funcionar. Foi tardia a eletrificação da luz e da viação urbanas, melhoramento tão necessário à expansão e movimento interno da cidade. (LOPES apud LOPES, 2008).

O governador do Estado na época, Urbano Santos, estruturou vários serviços urbanos, como o de saúde, higiene, infra-estrutura, abastecimento de água a partir do Rio Anil e transporte coletivo, através de bondes elétricos.

A cidade crescia, surgiam novos bairros devido a necessidade da população pobre da cidade habitar lugares com o mínimo de infra-estrutura sanitária. Os bairros surgiam em torno das fábricas:

O Anil, em torno da Companhia de Fiação e Tecidos Rio Anil; a Camboa, próximo à Companhia de Fiação e Tecidos Maranhenses; o Fabril, em torno da Companhia Fabril Maranhense; a Madre Deus, em torno da Companhia de Fiação e Tecidos Cânhamo e Cândido Ribeiro e o bairro de São Pantaleão se localizava nas imediações da Fábrica Santa Amélia. (LOPES, 2008)

É importante ressaltar que no período industrial o Maranhão conheceu um novo tipo de arquitetura, efeito das transformações que o próprio período impunha, como se vê nas adaptações das construções tradicionais.

Aparecem novas tipologias, além das tradicionais – Meira-morada, morada inteira, porta-e-janela – surgem aplicações de platibandas com características ecléticas, as vilas operárias.

Os prédios das fábricas têxteis de São Luís são exemplares da arquitetura industrial do século XIX, com a presença de elementos arquitetônicos como a estrutura do telhado, o revestimento de azulejo nas fachadas, aberturas em arco, utilização de estrutura metálica e amplos espaços internos.

Apesar de citadas todas essas fábricas, a escolha de duas para esta pesquisa, deve-se ao fato da diferença entre elas para a expansão da cidade, devido a sua localização. Primeiro a Companhia de Fiação e Tecidos Rio Anil, que permitiu a formação ou ocupação do bairro do Anil devido a construção das vilas operárias nas proximidades da fábrica, tirando o foco das indústrias no centro, e a Santa Amélia, que se localizava no Centro, como uma forma de explicar os impactos da fábrica no núcleo já formado da cidade.

4.1 Companhia de Fiação e Tecidos do Rio Anil



Fachada da Rio Anil (Do livro *Maranhão 1908*)

Foto 03 –Fachada da Rio Anil
Fonte:ITAPARY, 1995 p.76

A palavra Anil é de origem árabe e a sua substância poderia ser adquirida a partir de uma planta nativa, que os índios denominavam “Cauaçu”. De suas folhas retira-se um extrato azul. Esta planta cientificamente está classificada como “Indigofera Tintorica”, da qual decorre o nome “Indigo Blue”, mundialmente conhecido como brins grossos de algodão, tinturados de azul. Com esses tecidos confeccionam roupas conhecidas como BLUE DJANS. No período colonial os europeus importavam das Índias o Índigo ou Anil.

O Rio Anil é um pequeno riacho, localizado na Ilha de São Luís, que nasce entre um brejal de buritis e juçaras, anteriormente chamado de Rio Maioba pelos índios, e é nele, nas suas margens, que se concentraram grandes passos da econômica Maranhense do século XIX. Nessa grande ocupação que se dá uma das atividades mais rudimentares, a maceração das folhas de Anil, retirando a substancia azul que era colocada em depósitos e após misturadas com cal virgem colocada para secar.

Durante esse processo, algumas vezes o extrato azul misturava-se às águas do rio, que tornava-se azul. É a partir desse resultado que o rio recebeu o nome de Rio Anil, o qual percorre seu até chegar a Baía de São Marcos. Nas proximidades desse Rio, teve origem um dos bairros mais antigos da Ilha de São Luís, o bairro do Anil, que se destacou na cidade no setor têxtil.

A vila do Anil nasceu praticamente junto com a fundação da Cidade de São Luís, na época era apenas um povoado, mas logo foi crescendo em conseqüência da sua área privilegiada e com acesso tanto terrestre quanto fluvial, através do Rio Anil que até a década de 60 era navegável.

Por todas essas potencialidades, o Anil se tornou alvo do comércio e da indústria, pois já no século XIX foi implantada a fábrica Rio Anil e que por muitos anos dinamizou a vida dessa área. Os serviços públicos eram bons, como transporte público, limpeza pública e pagamentos de impostos.

Fundada em 1893 foi a sétima fábrica de tecidos que funcionou no Estado do Maranhão, e foi implantada às margens do Rio Anil. Com seus 12.000 m², é considerada um patrimônio arquitetônico nacional, com estrutura metálica vinda da Inglaterra e cobertura em telhas francesas a fábrica era composta de grandes salas de trabalho onde ficavam os teares.

A Fábrica do Rio Anil (Foto 03) nasceu em uma época em que o Brasil implantava uma política em que cobrava-se taxas para proteger as indústrias nacionais, época em que os escravos foram libertados, e o número de mão de obra operária era barata e abundante. Apesar do crescimento, o Brasil ainda era atrasado em comparação a outros países da Europa, tudo de novo que acontecia no Brasil já era antigo na visão Européia.

Acompanhando a onda de novas atividades econômicas e as mudanças sociais, seis empresários maranhenses decidiram fazer uma sociedade anônima que foi chamada de Companhia de Fiação e Tecidos do Rio Anil. Tinha por objetivo montar uma indústria têxtil, para fazer serviços de fiação, tecelagem e branqueamento de tecidos de algodão. Apesar de boa aceitação dos maranhenses a Companhia Rio Anil passou por sérias dificuldades para se instalar e funcionar nos locais escolhidos para sua implantação.

Foram escolhidas as terras a margem dos rios: Anil, Ingaúra, Mucurana, devido ao fácil acesso as águas do rio, que por sinal eram de boa qualidade, para utilizar no processo produtivo do empreendimento e também de outros tipos de matéria prima, como a madeira para a construção do prédio, mas a construção foi embargada, e foram adquiridas outras terras.

A Fábrica do Rio Anil é o maior e mais valioso exemplar da arquitetura do século XIX.

A construção era toda em pedra, cal, tijolos e alvenaria; o pavimento, feito com cimento sobre pedra britada; o teto, constituído por estruturas de ferro sustentadas por pilares do mesmo metal, firmados em blocos de concreto ciclópico, coberto com telhas de cerâmica e vidro fabricadas em Marselha, França; os alicerces e os assentamentos da máquina motora, em razão de ser lençol freático muito à superfície, foram feitos em estruturas argamassadas de cimento, cal, areia e barro, sendo que para fundamento e base da máquina motora construíram-se paredes com 2,5 metros de espessura com argamassa de cimento, para evitar infiltrações d'água no subterrâneo do volante. (ITAPARY, 1995, p.37)

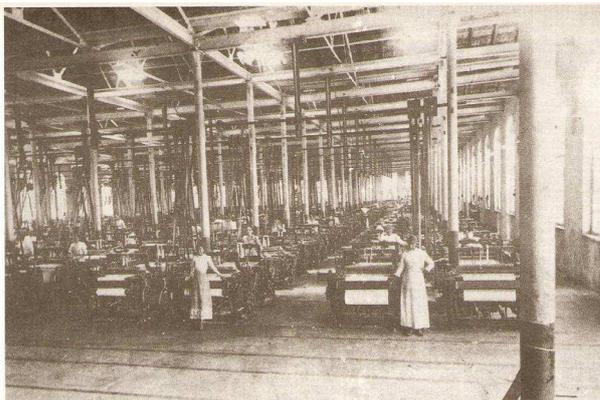
Não era apenas essa a única fábrica a ser instalada no Maranhão e por causa disso, faltou mão de obra no momento de construir o edifício, a solução imediata era aumentar os salários para cobrir os demais e arcar com o transporte dos operários devido a distância da cidade, o que atrasou o andamento da obra.

Sem a fábrica está pronta e preparada, começaram a pensar na compra das máquinas que iriam ser utilizadas na produção e foram feitos vários pedidos de orçamento para uma fábrica de 300 teares. Com a desvalorização da moeda local, a medida tomada foi pedir de forma parcelada o maquinário que seria necessário, dessa maneira no final do ano de 1894 apenas 144 teares eram utilizados pela fábrica, o que aumentava progressivamente. (Fotos 04 e 05)

Para conseguir dar conta de todos os gastos começou uma busca desenfreada por capital junto às entidades financeiras, o que dificultava cada vez mais a situação financeira da fábrica, o início foi cheio de dificuldades e dívidas, que só cresciam. Foi em 1893 que a fábrica começou a operar, e apesar das dificuldades a fábrica estava pronta e em funcionamento com os primeiros 144 teares, além da seção de branqueamento. Segundo Itapary (1995, p.49), os gastos com a contratação de funcionários foram muitos, pois nos anos em que a fábrica começou a operar, o número de habitantes era pequeno, com 35 mil em São Luís, e a população total do Estado era de 430.000.

As dificuldades foram grandes, desde o capital exigido para o funcionamento do projeto até o recrutamento de mão de obra necessária, pela diversidade de atividades e comodidade adequada aos operários dado ao tímido movimento dos meios de transporte e isolamento da área. Mas a Companhia tentou resolver o problema de mão de obra, buscando operários de fora da região, na maioria das vezes, imigrantes europeus (portugueses e italianos), mas também trabalhadores urbanos de São Luís, apesar desses trabalhadores não serem qualificados.

Os emergentes que buscavam trabalho e moradia, aceitaram trabalhar na fábrica, o que contribuiu para o progresso da urbanização da área subjacente à fábrica. Toda a área localizada no vetor da Fábrica Rio Anil, torna-se povoada, pois trazia o operário para perto do seu local de trabalho, facilitando assim a assiduidade e o controle da sua vida fora do seu local de trabalho. “Para atrair e manter os operários em serviço na fábrica, foi dado início em 1894 ao programa de construção de moradias no entorno do estabelecimento. Nesse ano estavam sendo edificadas oito casas de meia-morada, 20 quatinhos de taipa e 20 casas de porta e janela”. (ITAPARY, 1995, p.52) (Fotos 06 e 07)



Sala da Seção de Teares (Fonte citada).

Foto 04 – Sala da Seção de Teares da Fábrica Rio Anil

Fonte: ITAPARY, 1995, p.77



Gomadores (Fonte citada).

Foto 05 – Gomadores da Fábrica Rio Anil

Fonte: ITAPARY, 1995 p.78

Foi em 1923, segundo Itapary (1995, p.87) que a Fábrica Rio Anil atingiu seu estágio de estabilidade, conseguindo um nível alto de produção, levando o bairro do Rio Anil ao destaque no contexto da capital maranhense.

A situação da Fábrica de Tecelagem do Rio Anil começa a funcionar precariamente, pois esgota o estoque de matéria-prima, devido a alta do preço do algodão, até a produção ser suspensa por alguns meses.



Foto 06 – Casas do entorno da Antiga Fábrica Rio Anil em 2010.



Foto 07 – Quarto de taipa no entorno da Fábrica Rio Anil em 2010

Logo após a fábrica vai a falência, devido a problemas como: a Revolução de 30, quando houve mudanças políticas e econômicas, trazendo leis trabalhistas e direitos ao trabalhador, que geraram greves; a falta de condições tecnológicas e econômicas para concorrer com os produtos de outros Estados, inviabilizando a exportação. Era necessário empréstimos, mas estes não foram efetivados. Na década de 60 aconteceu a desativação das Fábricas Têxteis de São Luís, agravado por uma explosão nas Caldeiras fazendo várias vítimas, e com isso veio o

empobrecimento daquela comunidade, pois após 2 incêndios, e perdas irreparáveis, a falência era inevitável. No início do ano de 1968 os proprietários desfazem-se das ações e vendem a empresa com todo seu patrimônio. Os terrenos foram loteados e assim decretados o fim da sociedade.

Deve-se ressaltar que a história social, econômica e industrial do Maranhão, deve muito a esse empreendimento, que foi uma iniciativa bastante corajosa, mas que após alguns anos devido as circunstâncias citadas veio a fechar as portas.

Como a lenda do melhor morim do mundo, tais histórias deixam um fantástico manto de névoa sobre a realidade, dura, mas inquestionável, de uma mal programada e desastrosa tentativa de implantar-se aqui um parque fabril auto-sustentável e progressista, sobre os escombros de uma agricultura que falira. (ITAPARY, 1995, p.125)

Um projeto de reconversão iniciou exatamente um século depois do lançamento da pedra fundamental de sua construção, e o final da construção de suas novas instalações deu-se, exatamente, um século depois de sua inauguração como fábrica. Nos anos atuais o Bairro do Anil tem em torno de 3 mil prédios e população de cerca de 10 mil habitantes, segundo a Fundação Nacional de Saúde. A fábrica foi a grande motivadora para a formação do bairro, pois esta área que recebeu a Companhia de Fiação e Tecido Rio Anil era dominada por mangues e distante 10 quilômetros do centro urbano da cidade de São Luís. Hoje a estrutura da fábrica foi aproveitada e nela funciona o colégio Cintra.

4.2 Fábrica Santa Amélia

O conjunto edificado da Antiga Fábrica Santa Amélia (Foto 08) e seu entorno imediato insere-se neste centro histórico como parte da área protegida em nível estadual e como entorno imediato da área tombada em nível federal e inscrita pela UNESCO. Compõe-se da antiga fábrica propriamente dita, que ocupa parte substancial da quadra formada pelas ruas Cândido Ribeiro (ou das Crioulas), da Inveja, do Mocambo e São João, sendo o remanescente ocupado pela Fonte das Pedras e a pracinha que a cerca. Compõe-se ainda dos imóveis da Rua Cândido Ribeiro nº 223, 251, 261 e pelo terreno de esquina, na mesma rua, todos estes fronteiros à fábrica; além dos imóveis de nº 192/198 e 208, na mesma rua. (INSTITUTO DE PATRIMÔNIO HISTÓRICO E ARTÍSTICO NACIONAL, 2008).

A Fábrica Santa Amélia, antiga Companhia de Lanifícios Maranhense, foi fundada em 1892, quando alguns comerciantes entenderam que já havia mercado suficiente

para a implantação de uma fábrica que produzisse tecidos mais acabados, com utilização de matéria prima manufaturada de seda e lã, diferente das fábricas existentes no Maranhão que produziam apenas tecidos de algodão. Uma sociedade anônima, que através da subscrição de ações, iniciou a instalação de sua fábrica à Rua da Madre Deus, atual Cândido Ribeiro, com a finalidade de tecer todos os produtos de lã, seda e algodão, sendo seus fundadores e diretores os senhores Antônio Gonçalves Fontes, Carlos Ferreira Coelho e Álvaro Rodrigues de Moura.

Para a instalação da nova fábrica, os diretores fundadores compraram metade de uma quinta situada à Rua da Madre Deus, contendo um sobrado construído no início do século XIX no estilo tradicional português, com fachada toda revestida de azulejos portugueses. A escolha do terreno da quinta justifica-se pela proximidade com o Rio Bacanga e fatura de água existente nas nascentes da Fonte das Pedras, que ficava nos fundos do terreno.

O sobrado sofreu reforma total e se adaptou ao novo uso, sendo reforçado com a mesma estrutura de ferro fundido utilizada nos três galpões modulados que foram construídos em anexo às laterais do sobrado, para acomodar as máquinas compradas na Inglaterra. No térreo do sobrado, funcionavam as caldeiras e os tanques. No 1º pavimento, ficava a parte administrativa, e no mirante funcionava o almoxarifado. Os três pavimentos eram servidos por um elevador de carga. A montagem da estrutura de suporte em ferro e de todo o maquinário foi executada pelo engenheiro mecânico maranhense, João Serapião da Conceição.

Todas as fábricas têxteis construídas em São Luís e interior do Estado no final do século XIX possuem as mesmas características da arquitetura industrial do período, sofrendo forte influencia do padrão inglês, já que firmas inglesas forneciam as máquinas, além de venderem o projeto arquitetônico, a estrutura de ferro, as telhas de Marselha da cobertura, e ainda enviavam técnicos para fazer o acompanhamento de toda a montagem e execução do projeto. É relevante a especificidade do prédio da Companhia de Lanifícios Maranhense, destacando-se das demais unidades fabris, em decorrência da engenhosa solução de adaptação de uma casa de sobrado, de uso residencial, para uma unidade fabril. Dentro da arquitetura industrial maranhense, esta solução resultou em um exemplar de características exclusivas.



Foto 08 - Fachada do edifício da Fábrica Santa Amélia, 1928.

Fonte: CUNHA, 2008.

A fábrica foi equipada e começou a trabalhar desde princípios de abril de 1895, até a data de 1897, quando a fábrica encerrou sua produção. A Companhia importou da Inglaterra fios de lã e fios de algodão. Devido a pouca mão-de-obra especializada na região e estando todos empregados nas outras fábricas, o operário especializado era motivo de disputa de bastante valioso para as diretorias das companhias. Como forma de resolver o problema de falta da mão de obra e o despreparo local, foram trazidos técnicos ingleses, e um mestre acabador inglês.

A Inglaterra fornecia o maquinário, a mão de obra especializada, a matéria prima, e ainda dispunha os seus produtos manufaturados, gerando uma concorrência desleal com os produtos nacionais. Como os produtos ingleses eram vendidos mais baratos, a indústria local não tinha condições de concorrer, porque precisava importar matéria prima, e isto onerava a sua produção. Soma-se a estes fatos, a situação de decadência da lavoura algodoeira do Estado, que não conseguia sustentar toda a produção dos teares das fábricas maranhenses, e estas não fabricavam um fio de algodão de qualidade.

Ao buscar um espaço no mercado fora da produção dos panos de algodão, a nascente Companhia de Lanifício Maranhense, não conseguiu se estruturar de forma a conseguir superar a concorrência inglesa. Ficou então inviabilizada, encerrando precocemente as suas atividades. Juntamente com a concorrência dos produtos ingleses, outros fatos, como a impontualidade dos acionistas, os atrasos para saldar as dívidas relacionadas com o maquinário, extrapolando os prazos de pagamento, e a insuficiência de capital com que foi montada a Companhia, levaram a falência da Companhia. Não sendo mais possível a Diretoria evitar a liquidação forçada da Companhia de Lanifício Maranhense, a Companhia foi posta a leilão público no dia 19 de julho de 1902.

A fábrica da Companhia com todo o seu maquinário, terreno e edifício foi arrematada pelo industrial Cândido José Ribeiro, o novo proprietário expandiu as instalações, aumentando os galpões industriais modulados de três para cinco, demoliu a antiga chaminé de ferro fundido e construiu uma maior em tijolos refratários, além de um novo sistema de canalização da fumaça.

A compra da fábrica de Lanifício Maranhense propiciou a Cândido Ribeiro, a fundação do Cotonifício Cândido Ribeiro, composto pelas fábricas São Luís – que fiava e tingia os fios de algodão – sendo estes remetidos para a Santa Amélia (antiga Lanifício Maranhense), onde eram tecidos.

A Fábrica Santa Amélia, fundada em 1902, funcionou até 1966, passando nesses 64 anos de existência por várias mudanças em sua razão social:

- a) 1902 – Cândido José Ribeiro, Cândido Ribeiro & Cia e A.P. Carvalho & Cia.
- b) 1934 – A.P. Carvalho & Cia. Ltda.
- c) 1946 – Cotonifício Cândido Ribeiro Ltda.

No ano de 1941, a Fábrica Santa Amélia contava com 300 operários distribuídos nos seguintes cargos: encarregado da oficina, contramestre, fiscal geral, almoxarife, auxiliar de escritório, maquinista, encarregado de embalagem, carpina, serralheiro, auxiliar de calandra, ferreiro, engomador, dobradeira, auxiliar mecânico, carreiro, tecelãs, consertadores, remetedeiras e serventes (INSTITUTO DO PATRIMÔNIO HISTÓRICO E ARTÍSTICO NACIONAL, 2008) (Fotos 09 e 10)

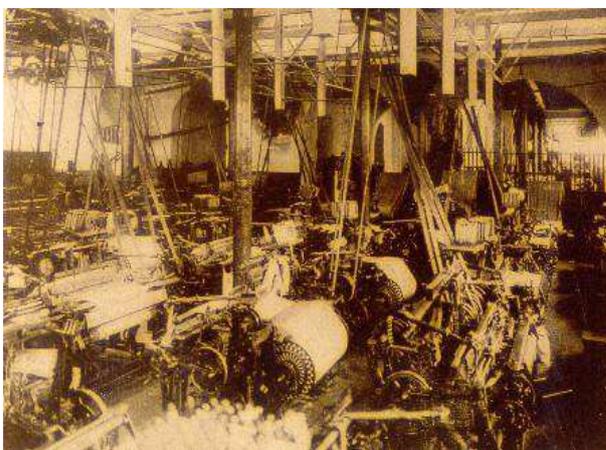


Foto 09 - Salões de tecelagem da Fábrica Santa Amélia
Fonte: CUNHA, 2008.

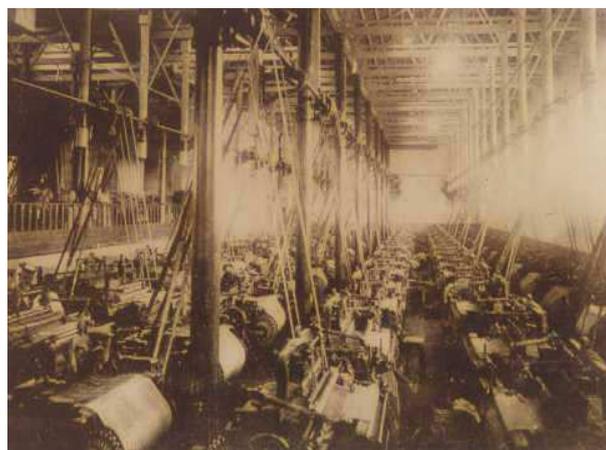


Foto 10 - Salões de tecelagem da Fábrica Santa Amélia
Fonte: CUNHA, 2008

Os tecidos fabricados pela Santa Amélia eram todos de algodão, comprado em Bacabal, Codó e Santa Inês e fiado na fábrica São Luís, o que acabava com a necessidade de importação de fios de algodão, melhorando a competitividade do produto. A iniciativa de Cândido José Ribeiro de comprar a fábrica da falida Companhia de Lanifício, para formar juntamente com a fábrica São Luís uma estrutura auto-suficiente em todo o processo industrial, do fio ao tecido, foi pioneira e resultou em grande sucesso. Os fios da São Luís e os tecidos produzidos com eles nos teares da Santa Amélia eram vendidos no Brasil e no exterior

Dos anos vinte até o final da Segunda Guerra Mundial, foi um período de grande prosperidade, onde o Cotonifício Cândido Ribeiro obteve lucros com a venda dos seus tecidos no Brasil e no Exterior. Mas tudo mudou com o final da Guerra, que trouxe um extraordinário avanço tecnológico, fazendo surgir e aprimorando inventos, que revolucionou a indústria têxtil mundial. O surgimento de teares mecânicos diminuía a necessidade de mão de obra, o que aumentava o lucro e a produtividade, enquanto as fábricas montadas com o antigo sistema de tear a vapor eram lentas, caras e obsoletas, tornando-se cada vez mais ultrapassado e sem rentabilidade. Além da rapidez de produção do tear automático, o uso do poliéster também ajudou a baixar o custo dos tecidos, por ser mais barato que o algodão, que necessitava ser plantado, cultivado e fiado. Portanto, o produto sintético substituía o algodão com total êxito.

Cândido José Ribeiro não estando preparado para acompanhar a evolução tecnológica, foi perdendo colocação no mercado para os seus produtos e conseqüentemente a sua produção foi decaindo. As tentativas de empréstimos para salvar e modernizar a fábrica não obtiveram sucesso, o proprietário, Estélio Ribeiro Cavalcanti, neto de Cândido José Ribeiro, resolve vender as máquinas para quitar as dívidas e fechar a fábrica.

Segundo a Superintendente do IPHAN/MA, Bógea,

O prédio da antiga Fábrica Santa Amélia, considerado um marco para a história econômica e social do Maranhão e do Brasil, foi tombado no livro histórico do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, em 1º de julho de 1987. Em 06 de abril de 1987, foi declarado de utilidade pública para fins de desapropriação conforme o Decreto Federal nº 94.191, todo o conjunto arquitetônico da Fábrica Santa Amélia. A desapropriação pública correu em favor da Universidade Federal do Maranhão que detém hoje a propriedade da antiga Fábrica Santa Amélia e dos imóveis pertencentes ao seu conjunto.

A administração da UFMA em parceria com o IPHAN no Maranhão resolve instalar os cursos de turismo, hotelaria e museologia, e também, a empresa-júnior de turismo, hotel-escola e teatro-auditório no conjunto edificado da antiga Fábrica Santa Amélia. Segundo Kátia Bógea, superintendente do IPHAN-MA, a implantação do equipamento, além da preservação física do imóvel, representa uma intervenção de requalificação do tecido urbano

histórico do seu entorno, na medida em que proporcionará desenvolvimento social e econômico para o trecho onde se insere e que constitui uma das áreas degradadas do Centro Histórico.

5 CONCLUSÃO

As fábricas que situavam-se em zonas rurais próximas às margens dos rios, de onde tiravam a energia hidráulica, trazia ao lado delas toda uma estrutura para atender a mão-de-obra que precisava se localizar perto de seu local de trabalho. Com o vapor, as fábricas passaram a localizar-se ao redor das cidades.

O impacto que as fábricas trouxeram para o crescimento demográfico da cidade de São Luís foi pouco, porém teve grande contribuição para que a malha viária e os serviços saíssem do núcleo central e alcançassem até o Anil, pois algumas companhias, como a Rio Anil, a tecidos Maranhenses na Camboa e a Fabril construíram em suas proximidades vilas operárias, então havia a necessidade de transporte, serviços públicos e estrutura mínima para a população viver. O desenvolvimento não se concentrou apenas nos pontos de partida e de chegada da expansão, mas em todo entorno e em todo o trajeto. A cidade ganhou novos bairros a proporção que os serviços se expandiam, pois havia se tornado viável a vida mais distante do centro da cidade.

As fábricas, como a Santa Amélia, que geralmente ficavam em pontos extremos da cidade, no meio interno e suburbano, permitiram a formação ou ocupação de bairros populares, estimulavam o comércio, a especulação imobiliária, tornava inevitável a chegada de serviços urbanos para garantir qualidade de vida aos que ali se instalavam com acesso aos meios de transporte, esgoto, água, luz.

Como foi estudado durante todo o trabalho, as fábricas contribuíram economicamente, socialmente, e também no crescimento urbanístico da cidade, obrigando-a a desenvolver-se para garantir serviços urbanos para a sociedade, que necessitava de condições de transporte, lazer, trabalho, moradia.

BARBOSA, Juliana Carneiro. **Pela hora da morte: os efeitos da Segunda Guerra Mundial no custo de vida em São Luís.** 2005. Monografia (Graduação em História) – Universidade Estadual do Maranhão, São Luís, 2005.

BENEVOLO, Leonardo. **História da Cidade.** 4.ed. São Paulo: Perspectiva, 2003.

BENEVOLO, Leonardo. **História da Arquitetura Moderna.** 3. ed. São Paulo: Perspectiva, 2004.

BRUM, A.J. **O Desenvolvimento Econômico Brasileiro.** 8. ed. Ijuí: FIDENE, 1987

CUNHA, Gaudêncio. **Maranhão 1908 - álbum fotográfico de Gaudêncio Cunha.** 2.ed. São Luís: AML, 2008.

EGAS, Karen. **Capitalismo Industrial.** [S.l.], 2008. Disponível em: <http://www.grupoescolar.com/materia/capitalismo_industrial.html>. Acesso em: out. 2010.

FEITOSA, Raimundo Moacir Mendes. **O processo sócio – econômico do Maranhão.** 1994 Dissertação (Mestrado em Planejamento do Desenvolvimento) – Curso de Mestrado Internacional de Planejamento, Universidade Federal do Pará, Belém, 1994.

FURTADO, C. **Formação Econômica do Brasil.** São Paulo: Editora Nacional, 1991.

GUERRA da secessão. [S.l., 200-?]. In: Wikipédia. Disponível em: <http://pt.wikipedia.org/wiki/Guerra_de_Secess%C3%A3o>. Acesso em: ago. 2010.

A INGLATERRA nos séculos XVI a XVIII. In: Histoblogsu, [200-?]. Disponível em: <<http://histoblogsu.blogspot.com/2010/04/inglaterra-nos-seculos-xvi-xviii.html>>. Acesso em: set. 2010.

INSTITUTO DO PATRIMÔNIO HISTÓRICO E ARTÍSTICO NACIONAL. **Projeto de restauração e requalificação da antiga Fábrica Santa Amélia.** São Luís, 2008.

ITAPARY, Joaquim. **A falência do ilusório: Memória da Companhia de Fiação e Tecidos do Rio Anil.** São Luís: Alumar, 1995.

KELLER, Roberto Ranna. **A qualificação de quem nos veste: um estudo sobre a contribuição de indústrias e escolas para a formação profissional do setor de confecção do vestuário no Paraná.** 2005. Dissertação (Mestrado em) – CEFET, Curitiba, 2005. Disponível em: <www.ppgte.cefetpr.br/dissertacoes/2005/keller.pdf>. Acesso em: ago. 2005.

LOPES, José Antônio Viana (Org.). **São Luís Ilha do Maranhão e Alcântara: guia de arquitetura e paisagem**. Sevilha: Consejería de Obras Públicas y Transportes, 2008.

LUCIANO, Ayesha. **Reformas urbanas**: Paris. [S.l.], 2008. Disponível em: <<http://espacoimaginariuum.blogspot.com/2008/10/reformas-urbanas-paris.html>>. Acesso em: set. 2010.

MARQUES, César. **Dicionário Histórico-Geográfico da Província do Maranhão**. Rio de Janeiro: Fon-Fon e Seleta, 1970.

MEIRELES, Mário. **História do Maranhão**. São Paulo: Siciliano, 2001.

MELO, Márcio Caldas Vieira. **Uma análise sobre a abertura do mercado brasileiro para a indústria têxtil e de confecções no nordeste no período 1989 – 2000**. 2004. Monografia (Graduação em Ciências Econômicas) – Curso de Ciências Econômicas, Universidade Estadual de Campinas, Recife, 2004. Disponível em: <www.unicap.br/ccs/20042/marcio.pdf>. Acesso em: ago. 2010.

MELO, Maria Cristina pereira de. **O bater dos panos**. São Luís: SIOGE, 1990.

OLIVEIRA, Antônio Guimarães de. **Algodão: Ouro Branco (Tempo e Espaço)**. São Luís: Ed. do Autor, 2007.

OLIVEIRA, Denise. **Greve geral de São Paulo, 1912**. [S.l.]. 2010. Disponível em: <picasaweb.google.com/denisehis/VivendoUmPoucoOPassado>. Acesso em: out. 2010.

PLANTA da cidade de São Luís. São Luís, 1912. 1 mapa. Escala 1:100. Adaptação de Justo Jansen Ferreira.

RIBEIRO JUNIOR, José Reinaldo Barros. **Formação do espaço urbano de São Luís: 1612-1991**. São Luís: FUNC, 2001.

SINGER, Paul. **Economia política da urbanização**. 2 ed. São Paulo: Contexto, 2002.

SINGER, Paul. Desenvolvimento capitalista e desenvolvimento solidário. **Estudos Avançados**, São Paulo, v. 18, n. 51, 2004. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-40142004000200001>. Acesso em: out. 2010.

SILVA FILHO, José Oliveira da. **Olhos de ver: a cidade entre as retóricas do visual e do escrito**. 2006. Monografia (Especialização em História do Maranhão) – Curso de História, Universidade Estadual do Maranhão, 2006.

SOUSA, Darci Roldão de Carvalho. **Capitalismo monopolista: a economia de trabalho vivo**. 2008. Tese (Doutorado em Serviço Social) – Escola de Serviço Social, Programa de Pós-

Graduação em Serviço Social, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2009.
Disponível em: <www.ess.ufrj.br/index.php/downloads/doc_download/106-darci-roldao>.
Acesso em: set. 2010.

STELLING, Weber. **Indústria têxtil na Bahia – o apogeu do século XIX e tendências atuais.** [S.l., 200-?]. Disponível em:
<http://www.desenbahia.ba.gov.br/recursos/news/video/%7BFA3F2072-1B70-46DD-8F4D-FDB4DC4A1C3B%7D_Artigo_10.pdf>. Acesso em: set. 2010.

TRIBUZZI, Bandeira. **Formação Econômica do Maranhão:** Uma proposta de desenvolvimento. São Luís: FIPES, 1981.

VIVEIROS, Jerônimo de. **História do Comércio do Maranhão.** São Luís: 1954. v.3.